

UMA OUTRA OBRA AO NEGRO

“A Vida é uma Sombra”

“NAMANHA MAKBUNHE” É MACBETH NA ÁFRICA MEDIEVAL



A força dramática de “Macbeth”, de William Shakespeare, a personagem ambiciosa e perversa do rei da Escócia, é muito bem transposta para um outro mundo, a África das guerras tribais, das florestas misteriosas de sombras ameaçadoras, dos sons que emanam dos longos silêncios e cruzam os horizontes sem fim: os dos animais que espiam no escuro, os dos cantos, os da música que flui das cordas do Kora e do ritmo sincopado dos batuques, os das orações aos deuses, senhores da terra e dos céus, os das vozes encantatórias das feiticeiras.

JOÃO MATTOS E SILVA

jm.silva@semanario.pt

MACBETH É NAMANHA MAKBUNHE, o guerreiro do império Mali que existiu e tem uma história semelhante, contada ainda hoje pelos “contadores de histórias”, que deambulam de terra em terra, de aldeia em aldeia, nesta África onde “o sagrado e o místico têm uma presença particularmente forte e interviniente na vida e acção das pessoas”, magnificamente recriada pela dramaturgia, pela cenografia, pelos figurinos, pelos sons, pelas cores, pelos ritmos, e onde quase conseguem sentir-se os seus cheiros irrepetíveis.

Guerreiro valoroso ao serviço do rei Bolum, Namanha matou em combate o traidor Makumba. Mas, ao regressar com o companheiro Borry, encontra na floresta três feiticeiras que o saúdam à vez como régulo de Iall, como régulo de Cansala e como rei. Mas também dirão a Borry será pai de reis. Perturbado, recebe a homenagem de um enviado do rei, Madiu, que lhe comunica que o soberano o distinguiu com o título de régulo de Cansala. Cumprida a primeira profecia, espera ambiciosamente que as outras sejam realidade um dia. Aconselhado por uma das suas mulheres, decide antecipar a profecia e mata o rei, assumindo o trono. De imediato tenta desfazer-se dos rivais, nomeadamente Borry e o filho, que manda assassinar. Borry morre mas o filho escapa e o fantasma do antigo companheiro aparece-lhe, aterrorizando-o. Chamadas por Namanha para lhe predizerem o

futuro, as três feiticeiras tranquilizam-no, dizendo que nenhum homem nascido do ventre materno poderá matá-lo e que isso só poderá acontecer quando as árvores da floresta se moverem. Porém, um exército comandado pelo filho de Bolum, que conseguiu fugir, ataca-o, usando árvores como disfarce. E será Madiu, que fora arrancado ao ventre da sua mãe morta, que o matará num combate final. Rokia, a mulher que o aconselhara a traír o rei, é também morta.

Da Guiné-Bissau, onde trabalhou com o grupo teatral “Os Fidalgos” e onde tem desenvolvido um importante trabalho cultural, o encenador polaco Andrzej Kowalski, radicado em Portugal desde 1976, tendo sido um dos fundadores do Teatro Experimental de Leiria e professor de Arte Dramática, Técnicas Audiovisuais e Cenografia em Leiria, Coimbra, Lisboa e Montemor-o-Novo, trouxe para o palco do Teatro da Trindade esta peça, numa excelente encenação, produzida pelo Teatro Nacional D. Maria II em colaboração com “Os Fidalgos” e dramatizada Luís Mourão. Leszek Madzik, um dos grandes cenógrafos contemporâneos polacos, criou os ritos e as atmosferas africanas, com que contactou na Guiné-Bissau. Esmeralda Bisnoca fez os figurinos e Fernando Pina, bailarino e coreógrafo do Ballet Nacional guineense, e Eugénio Roque, especializado em Esgrima Artística e Lutas Cénicas, coreografaram as danças africanas e os combates. A voz/elocução é de Rui Baeta. O elenco é composto pelos actores africanos vindos da Guiné-Bissau, e de Angola e Moçambique vivendo em Portugal, Adorado Mara, Albino Djata, Amélia da Silva, Braima Galissa, Dalton Borrvalho, Dom Pedro Djakota, Djamila Vieira, Domingos Gomes, Helena Sanca, Francelino Correia, Isabel Ferreira, Ilesa da Costa, Jorge Biague, Josefina Massango, Mário Spencer, Mussa Camará e Sofia Rodrigues, que, com a sua interpretação expressiva, muito contribuem para a densidade dramática da peça.

Em cena no Teatro da Trindade até 1 de Julho, de quarta a sábado, às 21h30, e ao domingo, às 16h00.]